



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS DE CHAPECÓ
CURSO DE GEOGRAFIA**

JEAN DEIVID FLORES

FUTEBOL E PAISAGEM EM CHAPECÓ (DÉCADAS DE 1920 A 1970)

CHAPECÓ

2018

JEAN DEIVID FLORES

FUTEBOL E PAISAGEM EM CHAPECÓ (DÉCADAS DE 1920 A 1970)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul como requisito para obtenção do Título de Licenciada em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Marlon Brandt

CHAPECÓ

2018

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Flores, Jean Deivid
Futebol e paisagem em Chapecó (décadas de 1920 a 1970) / Jean Deivid Flores. -- 2018.
56 f.:il.

Orientador: Marlon Brandt.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Geografia-Licenciatura, Chapecó, SC , 2018.

1. Mudança na paisagem. 2. Transformações urbanas. 3. Campinhos de várzea. 4. Geografia e Futebol. 5. Influência Culturais. I. Brandt, Marlon, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Jean Deivid Flores

Futebol e paisagem em Chapecó (décadas de 1920 a 1970)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Geografia – Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Orientador: Marlon Brandt

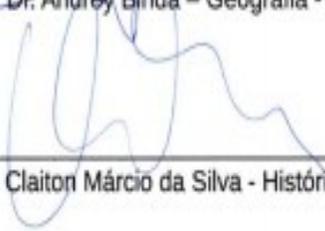
Este trabalho de conclusão de curso defendido e Aprovado pela banca em:

13/12/2018.

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Andrey Binda – Geografia - UFFS / Chapecó



Prof. Dr. Claiton Márcio da Silva - História – UFFS / Chapecó



Prof. Dr. Marlon Brandt – Geografia - UFFS / Chapecó

Em especial a Deus, à minha família, a minha esposa Denise, meus pais Lucilene e José, ao meu irmão Augusto e minha irmã Viviana, meu afilhado José Miguel e minha avó Gima, por me apoiarem em todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço eternamente a Deus, por sempre ter me dado forças, saúde e sabedoria de sempre seguir o melhor caminho, para assim chegar a esse momento impar na minha vida, que é a conclusão desta graduação.

A minha esposa Denise Navarini que juntos no ensino superior, você sempre estava ao meu lado, com dedicação, muita paciência, com cumplicidade em vários momentos da vida.

A toda a minha família, em especial ao meu pai José Flores e minha mãe Lucilene Flores por sempre me conceder a melhor educação, carinho e amor de sempre. Minha irmã Viviana Flores e cunhado Darlan Serpa que nos concedeu a honra de sermos dindos do José Miguel Serpa, que sempre alegra nossos dias, minha nona Gima de Barba no qual considero como mãe, meu irmão Augusto Emanuel Flores, no qual por muitas vezes me fez fortalecer com apenas um sorriso. A minha cunhada Keli Navarini e cunhado Mateus Farias, por sempre estar juntos em família.

Ao professor orientador desta pesquisa Dr. Marlon Brandt, por toda a sua atenção, sempre disponível, para dúvidas, questionamentos e também por toda a paciência fornecida nesta empreitada que além dos diálogos em sala de aula, me forneceu sua companhia em muitos dos jogos da Associação Chapecoense de Futebol, obrigado por acreditar neste projeto.

Aos demais professores da UFFS, que com muita dedicação sempre buscavam uma forma diferenciada de ensino, em especial, Prof. Dr^a Adriana Maria Andreis nas conduções com os estágios e ensinamentos, também ao Prof. Dr. William Zanete Bertolini em Geologia e Geomorfologia, também ao Prof. Dr. Ricardo Alberto Scherma decorrente de seu conhecimento tivemos umas das CCRs mais bacanas da graduação, também à Prof.^a Dr.^a Gisele Leite de Lima pela sua paciência, carinho e serenidade nas conduções da sala de aula, ao Prof. Dr. Igor de França Catalão pelas suas indagações em Geografia Urbana e conhecimento transmitido, ao Prof. Dr. Andrey Binda, que além dos diálogos dentro de sala de aula, também me acompanhou em muitos jogos da Associação Chapecoense de Futebol e também aceitou o convite de participar da banca, por último, mas não menos importante ao professor Dr. Claiton Márcio da Silva, por ter aceitado participar da banca final.

Aos colegas, no qual alguns levarei amizade para a vida toda, em especial ao Matusalém de Oliveira, que desde o segundo semestre sempre estivemos juntos em trabalhos e apresentações, dos quais nossas famílias se aproximaram e hoje somos grandes amigos, e também para aqueles que nós dias em sala de aula influenciaram com as suas amizades que são: Madianita, Maicon, Leandro, Lauri, Rafael, Paulo, muitos também que a Geografia nos fez ter proximidades e pudemos debater assuntos relacionados, como Lucas, Janaína e João.

Aos irmãos e irmãs da Igreja Cristã Maranata, que sempre estão orando para que o Senhor conceda a vitória, em especial ao irmão Fabiano e sua família, por sempre estar ao nosso lado.

Aos que aceitaram o convite de fazer parte desse trabalho, me fornecendo as entrevistas, Sr. Ilto Córdova empresário de Chapecó há 30 anos, ao radialista Paulo Gomes e também o jornalista Rodrigo Goulart.

A Lubrichap e meus colegas de profissão, Edson, Nayan, Eduardo e Eliezer, no qual sempre estavam disponíveis para o que der é vier.

A Associação Chapecoense de Futebol, um agradecimento especial aos jogadores que se foram no trágico acidente em 2016, que deram a vida ao futebol, mas puderam aflorar em mim o sentimento de torcer por esse time incondicionalmente, a partir disso despertou a vontade de realizar uma pesquisa decorrente ao futebol que se abrange a geografia.

As pessoas e órgãos que me ajudaram a realizar essa pesquisa, como o CEOM – Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina, por abrir as portas para realização de pesquisas e também a Anna Loide, proprietária e editora da Revista Anna Loide de Chapecó, com muita colaboração e pro atividade em colaborar da melhor forma.

Perdoem-me se em um lapso de memória acabei esquecendo alguém, mas a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha graduação, sintam-se abraçados e meu muito obrigado. Boa leitura.

“O futebol não é a coisa mais importante do mundo, mas é a coisa mais importante para muitas pessoas”.
Rafael Henzel

FLORES, J. D. **FUTEBOL E PAISAGEM EM CHAPECÓ (DÉCADAS DE 1920 A 1970)**. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Geografia – Licenciatura. Universidade Federal da Fronteira Sul. Chapecó, 2018.

RESUMO

Tendo em vista que o futebol está vivenciado na vida urbana de Chapecó decorrente da ascensão da Associação Chapecoense de Futebol, pesquisa-se sobre Futebol e paisagem em Chapecó (décadas de 1920 a 1970), a fim de objetivar como o futebol é um agente transformador da paisagem do município e região. Para tanto, é necessário entender a introdução do futebol em meados dos anos XIX e disseminação do futebol no Brasil e em Santa Catarina, como ele chegou ao oeste do estado e quais foram às transformações nas comunidades e centros urbanos. O caminho usado foi pesquisas em jornais da época, bibliografia relacionada à temática, revistas e entrevistas com agentes históricos do município. Diante disso, verifica-se que o futebol era elitista no seu princípio, e se transforma quando chega ao futebol popular, promovendo intervenções na paisagem urbana, como por exemplo, campos de várzea, o que impõe a constatação de como o futebol é um rito transformador de símbolos, sentimentos e mudanças na paisagem.

Palavras-chave: Mudança na paisagem, Transformações urbanas, Campinhos de várzea, Geografia e Futebol, Influência Culturais.

ABSTRACT

Taking into consideration the fact that football is experienced in the urban life of Chapecó resulting from Chapeco Football Association's rise, researching about soccer and landscape in Chapecó (1920's to 1970's) aims at understanding how football has been a transforming agent in the city landscape and in the region around. This way, it is necessary to understand the introduction of soccer in the mid-nineteenth century and the spread of football in Brazil and in Santa Catarina, how it was brought to the west of the state and what transformations occurred in communities and urban centers. This research was carried out by using newspapers from old times, bibliography related to the theme, magazines and interviews with historical agents of the municipality. Therefore, it has been verified that football was elitist at its beginning and it was changed when it became popular, promoting interventions in the urban landscape, such as, meadow fields, which shows how football is a rite which transforms symbols, feeling and changes in the landscape.

Keywords: Landscape changes, Urban transformations, Meadow fields, Geography and Football, Settlement Companies, Cultural Influence, Workers.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Time do Bangu em 14 de maio de 1905, antes da vitória por 5 a 3 sobre o Fluminense, no campo da Fábrica.	25
Figura 2. Time do Figueirense Campeão do Torneio de 1924	32
Figura 3. Jogadores de futebol do time do Palmeiras de Palmitos - SC em 1941.....	37
Figura 4. Time de futebol no campo da Linha Bento - Cordilheira Alta - SC	38
Figura 5. Time de futebol de Coronel Freitas-SC na segunda metade do século XX....	39
Figura 6. Time de futebol em Nova Itaberaba-SC na década de 1950.....	40
Figura 7. Chamada para jogo do jornal Voz de Chapecó de 1950.	43
Figura 8. Defesa do goleiro no jogo do Independente F.C em 1951	43
Figura 9. Time do Independente Futebol Clube em Chapecó em meados de 1951.....	44
Figura 10. Estádio Índio Condá em 1977.	49

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 ORIGEM DO ESPORTE E HISTÓRICO DE SUA INSERÇÃO NO BRASIL E SANTA CATARINA	16
2.1 Origens do futebol e inserção no Brasil	16
2.2 Da elite burguesa às minorias, do preconceito étnico-social à popularização do esporte	22
2.3 O futebol atraca em Santa Catarina	33
3 O FUTEBOL CHEGA AO OESTE DE SANTA CATARINA	36
3.1 Ocupações históricas do oeste catarinense	36
3.2 O futebol chega ao oeste catarinense	38
3.3 Do amador ao profissional: a fundação da associação chapecoense de futebol	48
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	54

INTRODUÇÃO

A questão que norteia esta pesquisa é de como o futebol é um agente transformador da paisagem de Chapecó, seja nos espaços públicos ou em privados, desde o processo de colonização na década de 1920, até a formação da Associação Chapecoense de Futebol em 1973. “Na condição de elemento central na cultura brasileira, o futebol tem sido capaz de gerar objetos marcantes na paisagem urbana, como os estádios, dotados de notável centralidade funcional e simbólica” (MASCARENHAS, 2001 p.01), demonstrando assim a sua importância do futebol na paisagem.

Com as partidas da Associação Chapecoense na Arena Condá, a comunidade regional que circunda Chapecó se mobiliza, tornando os dias que antecedem, até o dia do jogo, como um calendário festivo. Ultimamente com a ascensão do clube para a principal divisão do futebol brasileiro em 2014, o time se destaca pelo seu ímpeto de jogar dentro de seus domínios. As influências culturais que o esporte fornece aos torcedores da cidade são muito abrangentes, como enaltecem o “Carioca”, dono do bar Olimpiku’s “E aqui é diferente”, explica:

“No Rio de Janeiro tem mais de um time. Tem Flamengo, Fluminense, Vasco... Mas aqui não. Aqui é só Chapecoense [...] o apoio que o torcedor dá aqui não existe em nenhum outro lugar. Quando a Chapecoense está mal, eles vão receber no aeroporto. Vão apoiar. E isso é um fanatismo saudável que une as pessoas (VOZ DO OESTE, 2017)”¹.

Hoje a Chapecoense é um ativo, não apenas com futebol, mas culturalmente, pois o lazer de muitas pessoas é ir para a Arena Condá, acompanhar o dia a dia da Chapecoense, e também o clube acaba influenciando na economia do município, como cita em entrevista ao jornal Clic RBS, o então presidente do clube, Sr. Plínio David de Nés Filho enaltece “a Chapecoense representa 10 a 12% do PIB de Chapecó, [...] ela movimenta hotéis e o aeroporto”,

A prática do futebol na região oeste está relacionada à colonização, a partir da década de 1920, momento quando o esporte se disseminou com a formação em muitas

1 -Entrevista destinada ao jornal a Voz do Oeste. 06/09/2017. Link: <<https://vozdoeste.com.br/2017/08/24/dono-do-olimpikus-carioca-se-diz-um-chapecoense-nato/>>

comunidades formadas por meio das companhias colonizadoras. Por exemplo, Risso (2018, p. 66) aborda que além das igrejas e outros espaços coletivos, como salões de festa e cemitérios, os campos de futebol também ocupam espaço. Assim o futebol era algo primordial para uma coletividade, o esporte era um destaque para o lazer e integração social, especialmente aos domingos, dedicava-se ao lazer com jogos, com o baralho, o futebol e a bocha e também como as famílias eram numerosas, proporcionava a formação de times, para disputas que ocorriam entre as localidades, (CATALAN *et al*, 2017. p.522-523) como apontam registros fotográficos a partir dos anos de 1920.

Discutiremos neste trabalho sobre o futebol, sua disseminação no Brasil, e seus regionalismos, destacando os campos de várzea para o uso informal. Neste âmbito, surge à necessidade da implementação de um time profissional que representaria o futebol do oeste de Santa Catarina em cenário estadual.²

[...] Ao se falar em uma Geografia do Futebol também estamos tratando de uma Geografia dos esportes, então é preciso perceber os vários elementos que estão relacionados aos esportes, e neste conjunto se inserem os esportes, com sua lógica específica, seus ritos e símbolos compartilhados e a capacidade de produzir sua própria paisagem” (MASCARENHAS, 1999, p. 01).

Esta pesquisa abrange como referências levantamentos de dados no CEOM – Centro de Memória do oeste de Santa Catarina, em jornais e demais fontes. Para Lapuente (2015, p.9) “a historiografia teve um ganho importante com o uso de jornais [...] a análise crítica, criou um leque amplo de fontes de pesquisa, e dentre essas, o uso do jornal garantiu nas últimas décadas uma fonte de consulta usada por muitos trabalhos”. Também a utilização de entrevistas: “de fonte oral, é mais verdadeira quando informantes do povo estão envolvidos, eles podem ser pobres em vocabulário, mas sempre são ricos em variações de matizes, volume e entonação (PORTELLI, 1997, p.27). Estas sendo aplicadas com ex-diretores da Chapecoense, jornalistas da própria cidade, sendo convidados pela sua importância histórica com o desenvolvimento do futebol no oeste de Santa Catarina. Do mesmo modo está pesquisa teve a utilização de

2 - Fundação da Associação Chapecoense de Futebol, como destaque e representação de um time profissional para o oeste de Santa Catarina: Link: < <https://chapecoense.com/pt/nossa-historia>>.

imagens, que podemos destacar que são o: “testemunhos sobre o passado oferecidos pelas imagens são de valor real [...] elas oferecem acesso a aspectos do passado que outras fontes não alcançam” (BURKE, 2004, p.233). Utilizando assim as imagens de documentos relacionadas à disseminação do esporte e do desenvolvimento da região, campinhos de várzea, clubes de futebol para uma melhor compreensão do assunto, imagens essas de até campos mais estruturados, grande parte no princípio das comunidades. Desta forma estas fontes utilizadas juntam-se para dar um enriquecimento e entendimento da pesquisa.

Sendo assim, este trabalho se encontra dividido em dois grandes capítulos. No capítulo “Futebol e paisagem: trajetórias no espaço urbano” discorrem sobre o surgimento do futebol na Inglaterra e à vinda para o Brasil em meados do final do século XIX, tendo como um dos introdutores Charles Miller, que aperfeiçoou alguns pontos quando chegou ao Brasil e assim houve sua disseminação do futebol pelo país. Também neste capítulo, vão ser elencados com foco em Santa Catarina, os campos de várzea e como o esporte era eletivo no seu princípio, não havendo “pessoas de cor”³e operários que praticassem, até que houve as suas próprias organizações, desenvolvendo assim neste âmbito. O objetivo deste é mostrar a introdução do futebol e mudanças da paisagem decorrente desta prática em âmbito nacional, estadual e regional, e assim com o passar do tempo os clubes foram se profissionalizando. Com estudos já existentes sobre o futebol, teremos um porte teórico com Máximo (1968), Mascarenhas, (1999, 2000, 2005), Bellani (2007), Rosa (2007, 2011, 2012), Santos (2012), Cecchim (2014), Gallego (2018).

Para dar continuidade ao estudo, o segundo capítulo “O Futebol chega ao oeste de Santa Catarina” abrange o futebol na região oeste, em especial no município de Chapecó, com uma periodização que parte do início do processo de colonização e a disseminação da prática nos espaços rurais e urbanos com clubes e associações amadoras até o surgimento da Associação Chapecoense de Futebol, destacando a mudança na paisagem urbana de Chapecó, estas sendo decorada com cores do time em dia de jogo, enaltecendo que “a paisagem urbana como sendo predominantemente um resultado das ações humanas no meio ambiente” (OLIVEIRA *at al*, 2008. p.162).

3 - Revista Rubro Azul. Itajaí, 1962, p. 69.

2 ORIGEM DO ESPORTE E HISTÓRICO DE SUA INSERÇÃO NO BRASIL E SANTA CATARINA

O que podemos descrever sobre o significado do futebol? Algo eufórico, eterna paixão, disputas, grandes frustrações, integrações, mudanças, sentimentos, ou apenas uma partida como algo passageiro? Como podemos explicar o futebol? Em quais quesitos ele influencia o meio em que vivemos, simbolicamente e visual? Assim é o futebol, algo inexplicável.

2.1 ORIGEM DO FUTEBOL E INSERÇÃO NO BRASIL

Podemos destacar que o futebol é um esporte com grande popularidade e que desperta o interesse em vários grupos de pessoas, assim segundo: Mascarenhas, (1999 apud HOLGADO; TONINI, 2012, p.04).

[...] percebe-se que através do esporte, os locais vão sendo transformados, adaptados conforme interesses e necessidades relacionadas à prática esportiva. Cria-se uma paisagem relacionada ao esporte e com um significado, principalmente, para as pessoas que tem interesse com essa atividade ou alguma relação com os esportes (MASCARENHAS, 1999 apud HOLGADO; TONINI, 2012, p.04).

Assim, os símbolos que estão relacionados aos esportes, estes sendo, uniformes, estádios, atletas, que representarão muito mais do que simplesmente é visto, que percebe a importância que se dá a esses símbolos, por exemplo, quando um time ganha um título, representa o sucesso do time, mas também torna os seus torcedores campeões, e a camisa do time, será uma forma de identificação na paisagem, como descreve Mascarenhas, (1999):

[...] Assim, percebe-se a produção de paisagens a partir dos esportes. Esse fato não pode ser desconsiderado, pois, além de despertar o interesse em diferentes grupos sociais, a partir do interesse nos esportes são geradas diferentes transformações na paisagem para atender aos interesses ligados a prática esportiva, que podem ser no entretenimento gerado pelo esporte ou nas atividades econômicas relacionadas à atividade esportiva, pode-se destacar a construção de quadras esportivas, a construção de estádios ou ginásios privados. [...] “São estádios, ginásios, pistas diversas, enfim, um amplo conjunto de equipamentos fixos na paisagem e geralmente de grande porte

físico, o que resulta em maior capacidade de permanência”. (MASCARENHAS, 1999, p. 04).

Sobre a prática do futebol que conhecemos nos moldes atuais, em meados do século XIX, teve seu surgimento na Inglaterra, que tinha alguns segmentos e praticado inicialmente somente por membros da corte e escolas superiores como a de Oxford e Combridge.

[...] Ficava evidente que se tratava (pelo menos em seu início) de uma atividade esportiva elitista. E coube aos ingleses a criação e as reformulações das regras futebolísticas e, já no ano de 1823 surgiram às primeiras normas, onde estabeleciam proporções do terreno de jogo, número de atletas e a introdução de arcos, o qual conheceu por traves. (ROSA, 2012, p. 24).

Algumas regras foram sendo aplicado um exemplo de inovação, foi à criação pelos britânicos da figura do árbitro em 1868. Segundo Rosa (2012):

A inserção do árbitro certamente foi a criação de maior importância para a prática futebolística, pois a partir do momento em que o futebol adquiriu contornos de rivalidade e competitividade tornava-se indispensável a presença de uma pessoa que não possuísse ligação com as partes em disputas, bem como tivesse, o árbitro, poder para decidir e punir, sempre alicerçado nas regras. (ROSA, 2012, p. 25).

Cada uma das grandes cidades industriais inglesas se veria dividida nesse período em duas comunidades rivais, arrastadas ao mais apaixonado estado de loucura, quando os times que as representavam se viam frente a frente nos limites dos gramados e dos noventa minutos. Sevckenko (1994) justifica o motivo dessas ações:

Era uma comoção, um redemoinho, um cataclisma de nervos arrebatados e corações explodidos, não raro com algumas cabeças quebradas e olhos arroxeados. Era assim quando se enfrentavam, por exemplo, a Manchester United e a Manchester City; o Nottingham Forest e o Nottingham County, o Glasgow Celtics e Glasgow Rangers; ou em Londres qualquer partida em que se confrontassem os arquirivais Arsenal, Chelsea e Crystal Palace. (SEVCENKO, 1994, p.35).

Assim, além dos estabelecimentos de ensino, o futebol era praticado também por membro da elite. Jovens estes que obtiveram os primeiros contatos com o futebol

ainda na Inglaterra, quando saíram do Brasil com o intuito de concluírem os estudos naquele país: Rosa, (2012):

E dentre estes estudantes, membros da elite, destaca-se Charles Miller, como o principal divulgador do futebol no Brasil, pois além de trazer na bagagem bolas e uniformes, foi o organizador do futebol na Capital paulista. (ROSA, 2012, p. 26).

Desta forma, Miller trouxe em suas bagagens o conhecimento necessário para dar o pontapé inicial à introdução do futebol no Brasil, e junto alguns equipamentos para essa iniciação. “[...] adentrou a São Paulo, com camisa, calção, chuteiras e duas bolas oficiais [...] para transformar assim o esporte organizado, difundido entre clubes e universidades [...]”. (MÁXIMO, 1999, p.180).

Para completar os apetrechos trazidos por Miller em 1895, também podemos utilizar as palavras do Millis (2005 apud ROSA, 2011, p.23):

Charles Miller trouxe para o Brasil, para começar a sua missão: Um livro de regras da *Association Football*, adquirido numa loja de material esportivo em Southampton; uma camisa da equipe da *Banister Court School* e outra do *St. Marys*, que ele defendeu com bravura e elegância; duas bolas de futebol de capotão fabricadas pela empresa Frank Sugg de Liverpool, que tinham um significado muito especial para ele – com uma delas tinha jogado pelo Condado de Hampshire e com o Condado de Sussex; um par de chuteiras e uma bomba de ar para encher as bolas. (MILLIS, 2005 apud ROSA, 2011, p.23).

Os ensinamentos sobre futebol trazidos por Miller da Inglaterra, sendo uma novidade nos quais seus amigos tinham interesse em aprender, o esporte conhecido e difundido pela classe alta em São Paulo até então era o críquete. Numa entrevista à revista “O Cruzeiro”, em 1952 mediada pelo jornalista John Mills, no qual Charles Miller cita:

“Numa tarde fria no outono em 1895, reuni os amigos e convidei-os a disputar uma partida de futebol. Aquele nome por si só era novidade, já que naquele tempo somente conheciam o críquete. As perguntas mais comuns eram: como é esse jogo? com que bola vai jogar?” (MILLER, 1952).⁴

4 - Entrevista descrita no site “Terceiro Tempo” por Marcelo Rozenber à Charles Miller, o idealizador do futebol no Brasil no começo da década XX.

Até então, os amigos de Charles Miller, eram da elite, classe alto, segundo Máximo (1999):

Em São Paulo de 1895 (aliás, como em qualquer época ou lugar), povo era povo. E elite, elite. Tinha mesmos tintos de nobreza a elite paulistana, incluindo condes, barões, duques, títulos conseguidos menos por genealogia nobiliárquica do que pelo prestígio que o dinheiro podia comprar. Alguns até brasões ostentavam. Educavam seus filhos nos melhores colégios, faziam as filhas se casarem com jovens de sobrenomes ilustres como os seus, impunham-se enfim como cérebro e coração do núcleo familiar. (MÁXIMO, 1999).

A primeira partida de futebol em terra brasileira, promovida por Charles Miller, com uma daquelas bolas que ele trouxe da Inglaterra, foi em um terreno baldio da Várzea do Carmo – Centro de São Paulo, às margens do rio Tamanduateí, entre as ruas Santa Rosa e do Gasômetro, na manhã de domingo, 14 de abril de 1895. (MÁXIMO 1999 p.181).

Também para completar sobre a primeira partida de futebol, podemos destacar a citação de Mazzoni, (1968, apud MASCARENHAS, 2002, p.02):

A primeira partida de futebol realizado no Brasil dentro das regras oficialmente estabelecidas na Inglaterra em 1863 ocorreu na Várzea do Carmo, entre as equipes inglesas São Paulo Railway e The São Paulo Gaz, em 14 de abril de 1895. [...] Outros clubes “nacionais” foram criados em São Paulo na virada do século, mas nenhum sobreviveu, o que qualifica o Sport Club Rio Grande (RS), fundado em 1900, como mais antigo clube brasileiro de futebol em atividade. Mas não enquanto “berço do futebol” como se afirma não raramente na literatura esportiva do Rio Grande do Sul. (Mazzoni, 1968, apud MASCARENHAS, 2002, p.02):

O Futebol foi à modalidade esportiva que obteve grande impulso à sua prática principalmente na virada do século XIX para o XX, quando o processo da modernidade auxiliava às mudanças que ocorriam nas cidades brasileiras:

[...] Pois foi nesse contexto, de tendências modernizadoras advindas da Europa e a consolidação da República no Brasil, que tais teorias que defendiam alterações de ordem cultural, tecnológica e educacional ganhavam incentivos. Onde o esporte adquiria força e era tido como excelente método para auxiliar o processo de disciplinarização e uniformização das condutas. Sendo que as condutas e os hábitos da sociedade deveriam acompanhar as transformações

estruturais, urbanísticas e higienizas que o Brasil presenciava. ROSA (2012 p.26).

Foi assim que o futebol nasceu em território brasileiro, como cita Máximo (1999):

Foi com jovens de boas famílias como a sua, até então interessados em críquete, golfe, tênis e similares, que Charles plantou a semente. Ensinou-lhes os fundamentos do futebol, dividiu-os em dois times, escalou um dos seus amigos para juiz, outro para bandeirinha, e lá foram todos fazer história na várzea do Carmo. (MÁXIMO 1999 p.182).

Assim, como cita Monbeig (1954 apud MASCARENHAS, 2002, p. 04), podemos destacar que São Paulo deu o pontapé inicial para este esporte, sendo assim o berço do futebol brasileiro, como cita . Na capital paulista, na virada do século, o *São Paulo Athletic Club* (SPAC), mais precisamente no ano de 1897, introduz o futebol como prática esportiva aos seus associados. “[...] Os funcionários, em sua imensa maioria ingleses da *Companhia de Gás*, da *São Paulo Railway* e do *Banco de Londres* também passaram a jogar o futebol nas associações. [...]”. (ROSA, 2011, p.24).

A cidade de São Paulo vivenciava o alvoreço crescimento e desenvolvimento urbano, com o impulso da cafeicultura e também ferroviária, a cidade estava em plena expansão da sua população, como cita Singer (1974 apud MASCARENHAS 2002 p.02):

São Paulo vivia um momento decisivo de explosão de crescimento urbano, quase quadruplicando sua população na última década do século XIX, sob o impulso fulminante da expansão de sua hinterlândia baseada no binômio ferrovia – cafeicultura. (SINGER, 1974 apud MASCARENHAS 2002 p.02).

Foram assim surgindo os primeiros times de futebol, que sempre era desenvolvido pela elite/burguesia:

Em 1896, o São Paulo Athletic Club, fundado oito anos antes, seria o primeiro a aderir ao novo esporte, logo seguido do Sport Club Germania (1889), de Mackenzie Athletic Association (1898), Sport Club Internacional (1898), Clube Atlético Paulistano (1900), já com nome aportuguesado. Em Campinas, fundou-se a Associação Atlética Ponte Preta (1900). No Rio de Cox, o Fluminense

Foot-ball Club (1902), o Rio Foot-ball Club (1902), o Botafogo Foot-ball Club, o America Foot-ball Club, o Bangu Athletic Club (os três últimos em 1904). Flamengo e Vasco da Gama já existiam desde o fim do século, ambos dedicando-se ao remo: o primeiro, só criaria seu departamento de futebol em 1911; o segundo, em 1923. Em Porto Alegre, foi fundado o Esporte Clube Rio Grande (1900); em Minas, o Sport Club Belo Horizonte (1904); em Recife, o Club Náutico Capeberibe (1901); em Salvador, o Vitória Foot-ball Club (1905). Vale ressaltar que há apenas um ponto comum entre todos os momentos dessa gênese: aqui e ali o futebol brasileiro nasceu como brinquedo de menino rico. Ou quase. (MÁXIMO, 1999, p.182).

Assim, a partida de futebol não tinha todo o privilégio que ocorre nos dias atuais, apenas em São Paulo, onde o futebol era comemorado mais que uma eleição de presidente do estado, como diz Rosenfeld, (1973, apud MASCARENHAS 2002, p.02):

“Essa luta tinha para a população de São Paulo um significado moral dez vezes maior do que a eleição para um presidente do Estado (...). O último goal do Paulistano provocou a maior tempestade de aplausos jamais conhecida em São Paulo. [...] Mais homens, mais nervos, mais corpúsculos vermelhos, para que um Camilo Castelo Branco não possa repetir que ele tem sangue corrompido nas veias e farinha de mandioca nos ossos”.(ROSENFELD, 1973, apud MASCARENHAS 2002, p.02):

Também sobre o primeiro campeonato de futebol do Brasil, no qual Antunes, (1992, apud MASCARENHAS, 2002, p.03):

Vimos que em 1902 os paulistas organizam o primeiro campeonato de futebol no Brasil. No mesmo ano, surgem os primeiros campos de várzea, que logo se espalham pelos bairros operários. (Antunes, 1992, apud MASCARENHAS, 2002, p.03):

“[...] Muito dessa "magia" que sempre acompanhou o futebol brasileiro é creditado ao futebol recriado nos campos de periferias, nos campos de várzea [...] Já nos dias atuais o termo “futebol de várzea” é utilizado mais para designar o futebol, não organizado, praticado principalmente nas periferias das cidades. [...]” (ARANTES, 2003 p.19-20).

Várzea, de acordo com o dicionário é definida como “[...] terreno baixo e plano, nas margens de rios e ribeiros e fertilíssimo [...]” Ferreira (2000, apud Arantes, 2003, p.19). “[...] Futebol de várzea, desse modo, pode ser definido como a prática de futebol não-oficial, amador, jogado predominantemente na periferia da cidade. [...]” (SANTOS, 1999, p. 118).

Assim, qualquer terreno baldio naquela época era pouco ocupado e ficava como ponto marcado para aquele grupo de praticantes do futebol varzeano, que era grupos formados por operários, imigrantes ou desempregados, jovens e adultos, o mais importante e que possuísem um lugar para a prática de seu lazer. Segundo Arantes (2003):

Desse modo, podemos sugerir que tenha surgido no futebol de várzea um estilo de jogo que veio, anos mais tarde, caracterizar o futebol brasileiro. Na várzea, as irregularidades do terreno, as adversidades de seus desníveis e as armadilhas encontradas fizeram surgir um futebol imaginativo, capaz de superar quaisquer adversidades e através da criatividade driblar qualquer adversário. Quando neste modelo de futebol parecia não haver meios para superar a falta de ligação que ocorria entre jogador, terreno e bola, quando o passe era dificultado por todos esses motivos, surge o drible, varzeano, no mais puro estilo brasileiro, para transpor essas barreiras e conseguir ultrapassar ao adversário. (ARANTES, 2003, p. 20).

Em 1905, somente Salvador, em todo o Brasil, possuía tal qual São Paulo um campeonato anual de futebol, iniciado naquele mesmo ano, entretanto sob a direção dos ingleses e disputados improvisadamente numa praça, enquanto os paulistanos já contavam desde o início com um equipamento específico como o velódromo da Consolação. “[...] Nas grandes cidades brasileiras, o calendário futebolístico contribui na demarcação dos tempos e dos horizontes da vida cotidiana. [...]” (MASCARENHAS, 2002, p.01).

2.2 DA ELITE BURGUESA ÀS MINORIAS, DO PRECONCEITO ÉTNICO-SOCIAL À POPULARIZAÇÃO DO ESPORTE

À medida que o futebol começava a ter maior visibilidade e importância, no começo do século XX, acentuava também a desigualdade e a exploração e separação social, Galeano (1915, apud ROSA 2011, p.17):

Revista Sports. Rio de Janeiro. [...] “De modo que nós que freqüentamos uma academia, que temos uma posição na sociedade, fazemos a barba no salão Naval, jantamos na Rotisserie, freqüentamos as conferências literárias, vamos ao five o'clock, somos obrigados a jogar com um operário, torneiro mecânico, motorista e profissões outras que absolutamente não estão em relação com o meio onde vivemos” [...]. (GALEANO 1915, apud ROSA 2011, p.17):

Começa a ficar evidente, como a burguesia separava esse esporte, conduzia assim longe dos operários:

Dos negros e das pessoas desprovidas de uns refinamentos condizentes com os “padrões” sociais em voga naquele período. Para a burguesia, comenta que: Abrir as portas para a prática indiscriminada do futebol poderia representar o declínio de status e uma uniformização de práticas sociais e esportivas e que colocariam em condições semelhantes pessoas de posições sociais diferentes. (ROSA, 2011, p. 17).

“[...] Dentre esse impulso na transformação da paisagem da cidade, o futebol adentra à intensa apropriação de espaços públicos, (ruas, praças, parques, praias), para a prática deste esporte informal. [...]” (MASCARENHAS, 2002, p.01).

O futebol brasileiro foi vivido por gente socialmente bem situada, da elite dos centros urbanos, tornando-se algo totalmente diferente que tinha outras raízes e outros fundamentos, como cita Máximo (1999):

O futebol dos Uruguaios de Montevideu, que tinham suas raízes profundamente populares. Onde os ingleses que gerenciavam as indústrias gostariam de usar o futebol como instrumento de alienação. (MÁXIMO 1999, p.182).

O nosso futebol era declaradamente preconceituoso e racista. Para alguns mandatários políticos do Brasil, o uso de negros nos times de futebol dava um ar de país antiquado, defasado, como cita Máximo (1999):

Em 1921, por exemplo, ninguém menos que o presidente da República, Epitácio Pessoa, recomendou que não se incluíssem mulatos na seleção brasileira que iria a Buenos Aires para o Campeonato Sul-Americano. Era preciso projetar outra imagem nossa no exterior, alegava o alto mandatário. Mas mesmo nos anos 20 – em que um Vasco da Gama podia ser expulso da primeira divisão carioca por ousar ser campeão com um time repleto de negros – já se notava certa integração entre as classes e as raças. É fato que em outras cidades as coisas não eram tão simples (Grêmio Porto-Alegrense, por exemplo, proibia em seus estatutos que negros lhe vestissem a camisa, proibição que só caducaria nos anos 50). (MÁXIMO 1999, p.183).

Neste sentido, vimos que o futebol e a política adentraram com algo fundamental, que foi o uso desse meio para desenvolver paralelos de pensamentos. Um brinquedo que sempre foi usado pela política. “[...] Enquanto os operários, em seus

dias e horas de folga, gastassem suas energias correndo atrás da bola, não pensariam em reivindicar maiores salários e melhores condições de trabalho. [...]” (MÁXIMO, 1999, p.182).

Porém era evidente de que o futebol necessitava dessa homogeneização, de várias etnias. “No Brasil [...] foi possível perceber que o futebol só conseguiu se expandir quando os trabalhadores e os pobres começaram também a se envolver com tal jogo [...]”. Rosa, (2011, p.12).

De onde vem esse jeito tão brasileiro de se mexer diante de uma bola? “[...] Vem da mistura. De um país mestiço que soube como nenhum outro levar ao futebol heranças europeias e africanas. Garrincha, Ronaldo, Romário. Gênios. [...]” (SANTOS; DRUMOND, 2012, p.20).

E também nas palavras de Freyre (2003, apud ROSA, 2011 p.11):

[...] em 1930 que, dando prosseguimento à idéia de democracia racial e miscigenação, já defendida no livro *Casa Grande e Senzala*, procurou mostrar que a característica elementar do futebol brasileiro era o resultado da ginga, da astúcia, do improviso e da habilidade corporal do negro. (FREYRE, 2003, apud ROSA, 2011 p.11).

Vimos até então, que o futebol era muito discutido e disputado, mas pela burguesia, não dando oportunidades para os negros e operários disputarem campeonatos e se introduzirem no meio desse contexto. Máximo (1999):

A pergunta que podemos destacar é: Mas quando que começou a paixão pelo futebol popular? É evidente que não aconteceu da noite para o dia. Mas na heroica vitória brasileira sobre uruguaios, no final do Campeonato Sul-Americano de 1919, disputado no recém-inaugurado estádio do Fluminense, já havia menos de esporte que de paixão. Dali em diante, a paixão só cresceria. Torcer tornar-se-ia quase uma religião. (MÁXIMO, 1999, p.184).

Podemos então destacar, “[...] a miscigenação do primeiro craque brasileiro, no qual foi nada mais nada menos que Arthur Friedenreich. [...]” Máximo, (1999):

Filho de alemão com negra brasileira, dividindo sua infância entre o clube fechado do pai e as peladas democráticas do bairro da mãe, o mulato de olhos verdes foi, até fins dos anos 20, uma espécie de estranho no ninho, um homem do povo vestindo a mesma camisa dos jovens da elite, fazendo-se campeão e

artilheiro, chegando à seleção paulista e depois à brasileira, tudo isso numa época em que nenhum de seus europeizados companheiros e adversários jogava a metade de seu futebol. (MÁXIMO, 1999 p.183).

Embora tivesse essa exclusão, esse barramento de negros, operários, analfabeto e do pobre para com o futebol e a burguesia, foi impossível proibir isso no futebol popular.

Os jogos eram então realizados em qualquer horário do dia e em todos os dias da semana. A improvisação caracterizou algumas peladas no início do século XX, pois, sem poder contar, muitas vezes, com toda a estrutura necessária para realizar uma partida de futebol, uma trave poderia ser facilmente substituída por pedras ou pedaços de madeira. A improvisação era o símbolo do antagonismo existente no futebol da época. Em São Paulo, por exemplo, enquanto os membros da burguesia jogavam o esporte bretão em seus clubes sociais e desfrutando de estrutura favorável. (ROSA, 2011, p.25)

Segundo Neto, (2002, apud ROSA, 2011, p.25):

“do outro lado da pirâmide futebolístico social estavam os times ”populares” (...) O futebol tornara-se popular em várias áreas da cidade. De início era jogado nas margens dos rios Tamandateí e Tietê (...)”. (Neto, 2002, apud ROSA, 2011, p.25).

Porém, a expansão dos efeitos das inovações na modernidade, as grandes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, sentiram estes efeitos. Como rememora Rosa, (2011):

Exemplo disso são os bondes elétricos, a intensa circulação de automóveis, as avenidas largas (tomando o lugar das ruas estreitas), as mudanças na arquitetura da cidade, etc. Se as cidades passavam por reformulações, os seus habitantes precisavam estar em harmonia e seguindo também a mesma tendência. Neste sentido, o esporte foi preciso e possibilitou, mediante os valores embutidos no mesmo, difundir a idéia de competitividade, força, robustez, solidariedade e, principalmente, disciplina. (ROSA, 2011, p.19).

Nesse contexto, “[...] no começo do século passado, o operariado incorporou o futebol ao seu cotidiano, o que antes era uma simples descontração e divertimento, com o passar do tempo o futebol passou a ganhar corpo e passou a ser mais do que um passa tempo, tornou-se para alguns uma profissão. [...] (ROSA, 2011, p.25).

Porém, esbarrou no preconceito, assim podemos citar Lopes, (1998, apud ROSA, 2011, p.25):

Contudo, até ser reconhecido pelos clubes burgueses como atletas qualificados, os operários precisaram travar uma disputa que perpassava os limites do campo de jogo. O preconceito era explícito também nos documentos dos clubes e das ligas, que impediam o ingresso de pessoas que não integravam o mesmo nível social dos membros dos clubes elitistas. – citação: Dentre os casos mais destacados que revelam tal aproximação temos o exemplo do *The Bangu Athletic Club*, criado em 1904 na fábrica de tecidos Companhia Progresso Industrial, que desde o ano de sua fundação já contava com operários em seus quadros.

Também os times de futebol, admitiam em seus estatutos de novos sócios se os quais não tiver sido profissional braçal. Como cita Pereira, (2000, apud ROSA, 2011, p. 26)

O Botafogo, por exemplo, clube da elite do Rio de Janeiro [...] ainda definia diretamente, em seus estatutos, que um dos requisitos para a aceitação de novos sócios seria o de “(...) não ser nem ter sido profissional de qualquer serviço braçal – sendo necessária a menção, na proposta de ingresso no club uma explicação sobre o lugar que ocupa no emprego.” (PEREIRA, 2000, apud ROSA, 2011, p. 26).

Desenvolvendo essa idéia, no início do século XX, teve um grande aumento na quantidade de entidades beneficentes das manifestações de classe, de clubes e de associações operárias. Segundo Rosa, (2011):

Muitas fábricas criaram clubes de futebol e a popularização deste esporte foi inevitável. Se a virada do século trouxe consigo os avanços industriais e a alteração na vida do trabalhador - em virtude da disciplina da vida moderna provocada pelo “modo de produção” -, por outro lado, evidenciou a capacidade e as possibilidades de organização do trabalhador. (ROSA, 2011, p.27).

Os pioneiros a aceitar negros em seu time de futebol foram a Ponte Preta de Campinas-SP em 1900 e o Bangu Futebol Clube – RJ sendo esse em 2001 homenageados com a medalha de Tiradentes, por ser um dos pioneirismo nessa inclusão social:

Um projeto do deputado estadual Noel de Carvalho (que foi aprovado na semana passada pela Assembléia Legislativa) prevê a concessão ao clube da Medalha Tiradentes, com a justificativa de ter sido o Bangu o primeiro a escalar atletas negros, e não o Vasco da Gama.⁵



Figura 1. Time do Bangu em 14 de maio de 1905, antes da vitória por 5 a 3 sobre o Fluminense, no campo da Fábrica. Fonte: Site do Bangu F.C.⁶

Já no estado de Santa Catarina, um dos pioneiros clubes foi criado na cidade de Itajaí, no qual era o *Clube de Atiradores*, que foi fundado em abril de 1895, possuía membros da família Bauer, Müller, Heil, entre outros. As famílias que participavam dos clubes sociais comandavam também o comércio local e muitas delas, aliás, estavam integradas na vida política de Itajaí. Tratava-se de membros da elite local que, atuando naqueles espaços (comercial, social e político), criavam estratégias para manterem seus status.

5 - Informação da Assembléia Legislativa que condecoração para o Bangu F.C por ser um dos pioneiros na inclusão de negros no time de futebol. Link: <http://www.bangu.net/informacao/reportagens/20011122.php>.

6 - Foi em 1905 que um time de futebol aceitou a iniciação de um negro para uma partida de futebol, sendo este Francisco Carregal, (o negro pioneiro), na vitória sobre o Fluminense no campo da fábrica. Foi o primeiro time do estado do Rio de Janeiro a aceitar negros no seu time. Link: <http://www.bangu.net/informacao/reportagens/20011122.php>.

Estes clubes, no início do século, alteravam a rotina da cidade com seus bailes, seus saraus e domingueiras. O ingresso em tais espaços sociais poderia representar a entrada também na restrita cenária político de Itajaí. [...] Se os jornais expressavam a opinião “dominante”, vale lembrar que os clubes sociais, o partido político e a atividade comercial eram os espaços onde a burguesia discutia os assuntos sociais, econômicos, de poder e, também, esportivo. (ROSA, 2011, p. 42).

Mas como ocorreu nas grandes cidades, com o time do Bangu Atlético Clube, os operários da cidade de Itajaí começaram a se organizarem, de acordo com Rosa, (2011 p. 36) em 1902 surge: a *Sociedade Operária Beneficente Itajahyense (S.O.B.I.)*. Foi o marco inicial na tentativa de congregar os trabalhadores [...] visava regulamentar os salários e as jornadas de trabalho, entre outros requerimentos.

Porém, organizar esses trabalhadores, seja ela espontânea ou em associações: Rosa, (2011):

[...] evidenciou a capacidade de reação destes atores sociais face às adversidades com as quais conviviam. As tensões, os embates e as estratégias para obtenção de ganhos salariais certamente existiram, muito embora houvesse a tentativa de silenciar os ecos de tais manifestações. (ROSA, 2011, p.49).

Desta forma, com essa capacidade de organização, começa a se destacar o primeiro esporte na cidade, a patinação. Segundo Rosa, (2011, p.51), porém era um esporte etilista, os equipamentos para compra eram valores excessivos, não sendo compatível com a classe baixa, algo que patinar não tinha como ser popular. Entram em jogo então os times de futebol.

Surge então o primeiro time de futebol da cidade, em 1911, desenvolvido e formado pela elite da cidade, Rosa (2011):

[...] O Itajahyense Foot-Ball Club, que evidencia que este esporte adentrou os limite da cidade de Itajaí porque os renomados e ilustrestres filhos da classe media alta de Itajaí, estudavam no colégio Catarinense em Florianópolis, este por si, já disponibilizava o football como esporte na escola, sendo assim os alunos quando regressaram para a sua cidade natal, trouxe-lhe com eles esse esporte. [...] Após o Sport Club Rio Branco surgir para o cenário futebolístico no ano de 1915. (ROSA, 2011, p.55-56).

Deste modo, como o futebol na cidade foi desenvolvido e trazido pelos alunos de classe média alta da cidade, o futebol não chegou ao modo popular, mas sim mostra o preconceito que era evidente na sociedade naquele tempo. Segundo Rosa (2011, p.57), até 1917, não há nenhum registro da participação do trabalhador nas atividades esportivas, sobretudo, no futebol, tal situação deixa perpassar que, se por um lado havia o desconhecimento do trabalhador para com o este esporte; por outro, pode reforçar ainda mais o caráter restrito do *Itajahyense Foot-Ball Club*. A origem educacional contribuía para delimitar e restringir ainda mais o ingresso de outras pessoas ao clube.

Surge em 1919 um novo clube: “[...] Muitos dos que jogavam e gerenciavam o *Itajahyense Foot-Ball Club* [...] participaram da reunião em 1919 no qual houve a formação do Clube Náutico Marcílio Dias. [...]” (ROSA, 2011, p.58). Talvez a vontade destes fundadores do Marcílio Dias não seria separar ou segregar os trabalhadores, negros e pobres dos esportes esportivos em particular do futebol. Rosa, (2011) cita que:

[...] Porém os primeiros praticantes de futebol em Itajaí eram membros de famílias de notório prestígio social, econômico e político, logo, o círculo de convívio dos mesmos por si só já delimitava tanto o espaço quanto as pessoas que poderiam jogar o foot-Ball. E como reação desse impedimento (velado e/ou explícito) foi o surgimento das primeiras entidades esportivas (que não aquelas elitistas) em Itajaí, tendo em vista a percepção dos trabalhadores e negros de que deveriam atuar também no “universo” do desporto local. (ROSA, 2011, p.58).

Como estas organizações, e esse preconceito e segregação por parte da classe alta da cidade, buscam a partir desses conglomerados organizados a prática do desporto, abrindo assim oportunidades de contato social. Rosa, (2011).

Coube, então, aos trabalhadores do porto a fundação do primeiro clube esportivo ligado ao operariado da cidade. Embora o clube reunisse apenas trabalhadores do porto, simbolicamente, era uma manifestação de classe. A organização fundada pelos portuários foi o *Clube Náutico Cruz e Souza*, cujos idealizadores eram membros da *Sociedade Beneficente 15 de Novembro*. (ROSA, 2011, p. 59).

Porém, o preconceito sempre foi um empecilho para a participação da classe inferior da cidade, como cita o Rosa (2011) que destaca em alguns recortes de jornais da época:

Na sociedade <<15 de Novembro>>, desta cidade, foi fundado domingo ultimo, <<Club Cruz e Souza>>, por diversos **homens de cor**, mais um club de Regatas, que tem como patrono o inexquecível poeta catharinense Cruz e Souza, o sonhador do Bello e do Ideal. (Jornal A União, Itajaí, 20 de Junho de 1920).

Em 1919, forma-se o primeiro time do estado sendo destacado como guarnição de gente de cor: (Revista, Rubro Azul. Itajaí, 1962, p. 69).

A fundação deu-se na sociedade 15 de Novembro, à rua Silva. As côres do clube eram o Azul e o Amarelo. [...] Pela primeira vez na história de Santa Catarina, a 21 de abril de 1920, aparecia na raia uma **guarnição de gente de cor**, coisa nunca vista no Estado. (Revista Rubro Azul. Itajaí, 1962, p. 69).

Segundo Rosa (2011, p.60), este time fundado em 1919 (*Clube Náutico Cruz e Souza*), era um time/organização que lutavam contras as imposições e desmandos patronais, levantavam-se também contra o preconceito racial, os trabalhadores e negros de Itajaí que constituíram organizações esportivos como meios de sociabilidade, resistência e liberdade. Se a fundação do time foi uma resposta ao preconceito presente, o futebol pode ter sido também uma manifestação não somente de classe, mas, sobretudo, étnica. O futebol em Itajaí, no decorrer daquela década teve a capacidade de atrair aos jogos, pessoas levadas pelo desejo de desfrutas dessa movimentação esportiva. Mas esbarrava no preconceito colocado pelas elites da cidade.

Mas independente da cidade, as movimentações esportivas chegavam na classe baixa, no futebol popular. Como ocorreu na capital paulista que segundo Rosa, (2011, p.77), a restrição ao acesso do trabalhador às Ligas esportivas estimulou as Uniões Operárias a organizarem “[...] suas próprias unidades atléticas, dedicadas sobretudo ao futebol, mas envolvendo também os demais chamados esportes terrestres [...]”. (SEVCENKO, 1992, p.53).

Em Itajaí, com a criação do Cruz e Souza não foi apenas para ter um time de futebol, mas também para mostra o emponderamento coletivo. Segundo Rosa (2011):

Foi uma manifestação de pessoas que desejavam também participar da vida esportiva da cidade e que eram impedidas face às barreiras existentes, embora veladas. Esta situação ocorreu também com o futebol. (ROSA, 2011, p.77).

Desta forma, segundo Rosa, (2011, p.77), com o objetivo de buscar espaço no cenário social, procurando atuar no cenário futebolístico, funda-se em 28 de abril de 1921 o *Humaytá Foot*, este tendo membro do XV de novembro, que eram trabalhadores do porto, assim justando-se com alguns negros, formou o time.

Assim, ocorreu um confronto de classes, de um lado, estavam os trabalhadores e de outro estava nada mais nada menos que a elite de Itajaí. Rosa, (2011):

Esta aproximação dos negros com o esporte, possivelmente, tenha ocorrido por dois fatores: disputa de classes sociais e impedimento étnico. Dessa forma, o advento de ambas as associações favoreceu o rompimento de barreiras sociais, bem como contribuiu para que operários e negros se iguallassem, ao menos nas instâncias esportivas, aos patrões e membros da elite itajaiense. (ROSA, 2011, p.78).

Com isso, Segundo Rosa, (2011, p.87) o futebol deixou de ser apenas um privilégio dos filhos de classe media alta de Itajaí, nos quais estudavam no Colégio Catarinense, e que tiveram o primeiro contato com o futebol na instituição. O futebol já era percebido em vários cantos da cidade, não apenas sendo praticado nos espaços elitistas. Foi a partir de então, que o futebol passou a se enraizar entre a juventude de Itajaí e, sobretudo, entre as camadas menos favorecidas economicamente, bem como nos lugares mais afastados da região central este esporte que a cada ano enraizava-se mais no cotidiano popular e convergia para os ambientes futebolísticos não somente a assistência, mas, sobretudo, eram nos jogos de futebol que havia a contribuição para a identificação de muitos sujeitos sociais que se encontravam nos estádios e assim possibilitavam o compartilhamento de experiências. Rosa, (2011):

[...] As manifestações, as articulações e as conquistas (simbólicas e reais) do operariado e do negro, tanto no cenário social quanto esportivo de Itajaí, foram,

sem dúvida, de valor incalculável. Embora seus feitos pouca visibilidade tenham ganhado ao longo dos anos, pois seus nomes e triunfos não figuraram nos relatos oficiais, nunca é tarde para descortinar as conquistas desses atores sociais, que nos deixaram um grande exemplo: de que idéias e práticas podem interferir no curso histórico de dada sociedade. (ROSA, 2011, p.87-88)

A ideia do futebol tinha por finalidade, a partir da segunda metade da década de 1910, potencializarmos o corpo humano para as batalhas, os fronts e à metamorfose eloqüente que agitava as metrópoles. Rosa, (2012):

Em Florianópolis, a prática do futebol nas corporações militares era obrigatória no qual visava uma preparação antes mesmo da primeira Guerra Mundial, mas já para os alunos do Colégio Catarinense, era uma modalidade que os cativava e fazia do futebol o esporte mais praticado já no ano de fundação do Ginásio. Sendo que, num primeiro momento, o futebol no referido órgão educacional era oferecido nos intervalos da recreação e nos tempos disponíveis entre uma aula e outra. (ROSA, 2012, p.27).

Nestes locais, ainda na década de 1910, segundo Rosa, (2012, p.09), foi o período do marco do fim do *football* somente para a classe media alta, e sim adentrava o espaço público, ganhando o aval rapidamente se acostumava com tal modalidade.

O futebol passou de ser algo apenas disputado nos intervalos entre as aulas, como algo de recreação, para algo que os alunos buscavam aprender e ter gosto pelo esporte, com isso a prática deste esporte só crescia. Como o confronto, que se tornou histórico para o futebol da Capital,

“(...) foi realizado no dia 14 de agosto de 1910, onde o ginásiano enfrentou um time formado por advogados, que estavam na cidade a fim de prestarem um concurso publico. E com um vocábulo futebolístico respeitando as origens britânicas a partida era divulgada para a cidade. Conforme relata Machado: Foot-Ball - primeira partida desse distinto jogo esportivo que se realiza aqui, domingo as duas horas da tarde no largo General Osório, haverá um match de foot ball, entre os alunos do Gimnasio Santa Catharina e um grupo de amadores. (ROSA, 2012, p.28):

E assim que foram surgindo os primeiros times, quando o futebol começava a integrar pessoas, a imprensa aproveitava também para impulsionar este esporte que gradativamente caia nas graças do público.

Podemos destacar também, o auxílio que a imprensa dava ao futebol, que cada vez mais adquiria espaço no meio da sociedade Florianopolitano, que cada vez mais cativava e despertava interesse de conhecer e praticar este esporte. Assim, deixa de ser um futebol somente da classe média, para haver uma percepção de A interação do futebol com os diversos segmentos sociais seria percebida com decorrer dos anos. [...] E assim que foram surgindo os primeiros times, quando o futebol começava a integrar pessoas, a imprensa aproveitava também para impulsionar este esporte que gradativamente caía nas graças do público. (ROSA. 2012. p.29)

Era a consolidação e a inserção de fato do futebol como uma manifestação popular:

O futebol foi ganhando apreço e reconhecimento da sociedade florianopolitana e não somente daquela parcela restrita que teve o primeiro contato com tal esporte. Porém, agora o que se verificava era a inserção do futebol no lazer e no cotidiano das pessoas, modificando com isto os hábitos na cidade. (ROSA 2012 p.29).

2.3 O FUTEBOL ATRACA EM SANTA CATARINA

Foram sendo fundados os primeiros times de futebol em Santa Catarina, no ano de 1912, Florianópolis se deparou com o surgimento do Club Sportivo Anita Garibaldi e, em 1913, com o Humaitá Foot Ball Club (este por muitos anos aconteceu intitulou-se <Invencível pelos seus adversários>. Era corriqueiro o surgimento de times em Florianópolis, não possuía uma vida muito longa, chegando ao máximo a duas ou três partidas. Com isso, Florianópolis se deparava com dezenas de times, que ora surgiram e logo desapareciam. E com esse clima, de pessimismo e otimismo em torno do futebol, pelo surgimento de muitos times, surge em 1921 no bairro da Figueira, no alto da Rua Francisco Tolentino, o Figueirense Foot Ball Club. Tratava-se de uma homenagem ao bairro de onde eram oriundos os seus fundadores.



Figura 2. Time do Figueirense Campeão do Torneio de 1924. Fonte: Site do Figueirense F.C⁷

Muitos dos clubes e times que surgiam, desfrutavam de certa estrutura, alguns já possuíam nomes, uniformes, sedes. Outros, porém, permaneciam no anonimato. Isso é o caso dos “garotos do Seu Amadeu”, (nome dado aos jovens que jogavam futebol no terreno ao fundo da residência do comerciante Amadeu Horn):

Ficavam localizados na Rua Frei Caneca, no conhecido campo do Baú. Um time que começou buscando apenas diversão foi se consolidando e adquirindo traços de seriedade, tudo isso provocado pelas boas atuações e vitórias consecutivas. (ROSA, 2012, p.39).

Ganhar dos mesmos times que venciam freqüentemente, já era algo monótono, assim os garotos decidiram partir para um feito ousado, desafiou o temido Humaitá “o invencível”. Rosa, (2011)

7 - <http://www.figueirense.com.br/institucional/historia/>

Com as sucessivas vitórias dos garotos, o jogo realizado no campo do Baú, recebeu um bom público. E o que era impossível aconteceu, os jovens derrotaram o Humaitá. A alegria tomou conta de todos, pois, a partir de então, desejavam fundar um time e sair da “clandestinidade” futebolística. [...] Em 01 de setembro de 1923, funda-se o Avahy Foot-Ball Club, que contou com os seguintes sócios fundadores: “Amadeu Horn; Enedino Rosa, Alfredo Loureiro, Artur Maestrini Filho, Osvaldo do Herval, Joel de Souza, Acioli Vieira, Waldemar Alves, Dr. Fernando Cleto Duarte e Dr. Donato Mello. (ROSA, 2012, p.39).⁸

Surge então em 1924 o Campeonato Catarinense, não tinha a participação de times do estado todo como é nos dias atuais, apenas cinco clubes de Florianópolis, (Avaí, Trabalhista, Internato, Externato e Atlético Florianópolis).⁹ O Oeste neste contexto estava ainda passando pelo processo de colonização por migrantes na sua maioria de origem alemã e italiana proveniente do Rio Grande do Sul. Junto com sua bagagem cultural estavam não apenas as festividades de cunho religioso, a ideia de formação de associações e clubes, ou as práticas de lazer como a caça e a pesca, mas também práticas esportivas. Uma delas era o futebol, assunto do próximo capítulo.

8 - No dia 1º de setembro de 1923, em uma reunião na casa do Sr. Amadeu Horn, os jovens atletas decidiram, em conjunto com o comerciante, fundar um clube de futebol. O nome do novo time seria “Independência” e teria como presidente o próprio Sr. Amadeu Horn. Quando tudo já estava praticamente decidido, o Sr. Arnaldo Pinto de Oliveira chegou à reunião trazendo novas idéias e acabou influenciando os participantes a mudar o nome do time que estava sendo fundado. O argumento do Sr. Arnaldo era que Independência seria um nome complicado para a torcida gritar em apoio ao time e até terminar de falar “Independência” o outro time já teria empatado o jogo. Como estava lendo um livro sobre a história do Brasil, ele propôs o nome Avahy, em referência à Batalha do Avahy. Neste momento, todos apoiaram a idéia e começaram a gritar Avahy, Avahy, Avahy! E desta maneira, entusiasmada e convicta, teve início a história cheia vitórias e conquistas do então Avahy Foot-ball Club. Link: <http://www.avai.com.br/novo/clube/historia/>

9 - Julimar Pivatto – publicação 12/10/2011 - é jornalista há oito anos e faz pós-graduação em Jornalismo Esportivo. Link: <http://wp.clicrbs.com.br/protofutebol/2011/10/12/avai-o-primeiro-campeao-catarinense/?topo=84,1,1,,77/>

3 O FUTEBOL CHEGA AO OESTE DE SANTA CATARINA

O futebol em Santa Catarina teve suas origens primeiramente nas grandes cidades litorâneas do estado, como citado no capítulo anterior, quando houve o surgimento de Figueirense e Avaí (1921 e 1923 respectivamente). Já no oeste do estado, a Guerra do Contestado tinha apenas se findado ¹⁰. O esporte na região teria sido introduzido apenas com a colonização da região.

3.1 OCUPAÇÕES HISTÓRICAS DO OESTE CATARINENSE

Assim, podemos observar nas palavras da Risso, que menciona a extrema importância da Guerra do Contestado para a colonização do Oeste catarinense:

A Guerra do Contestado proporcionou outros rumos ao Oeste catarinense entre os anos de 1930 a 1980, pois foi a partir do final do conflito (1912 a 1916) e conseqüentemente do seu desfecho, que a região passa a ser observada e destinada a migração e colonização das terras: “Imediatamente foram criadas, pelo Estado de Santa Catarina, as condições necessárias para a incorporação e o progresso desta área.” (RISSO, 2018, p.17)

A Guerra do Contestado definiu os limites territoriais e também abriu as portas para a ocupação das terras por pessoas que se distinguiam dos caboclos e índios locais. Como salienta Radin, (2009, apud RISSO, 2018, p.19):

“em Santa Catarina, após a Guerra do Contestado e a Primeira Guerra Mundial, buscou-se incrementar a imigração e migração no intuito de colonizar as terras, [...]”. Esta diferença que se insere no sentido cultural, de grupos sociais, formas de vida não os distancia da convivência com as pessoas que colonizam o lugar que já é ocupado e de pertencimento de alguém. Assim, nesta história de significativas experiências todos são e fazem parte. (RADIN, 2009, apud RISSO, 2018, p.19).

Sobre a elaboração e desenvolvimento da região, podemos analisar também as palavras da Bellani, (1989, apud ALBA 2013 p.21):

10 - Final do final da Guerra do Contestado em Agosto de 1916. Link: https://www.suapesquisa.com/historiadobrasil/guerra_contestado.htm

O território do oeste e extremo oeste de Santa Catarina, até 1916, tinha sido alvo de disputas entre Santa Catarina e Paraná, e anteriormente entre Brasil e Argentina – divergências conhecidas como a “Questão de Palmas” e a “Questão das Missiones”, respectivamente, sendo esta última iniciada a partir da criação da Colônia do Sacramento, tendo o caso se encerrado em 1884 com a intervenção do presidente Cleveland, dos Estados Unidos, dando ação favorável ao Brasil (Bellani, 1989). Em 6 de março de 1917, por intermédio da lei n. 1.146, encerraram - se todos os trâmites legais que puseram fim às disputas entre Paraná e Santa Catarina. O então governo do Estado de Santa Catarina tomou posse do território e criou o município de Chapecó, através da lei n. 1.147, de 25 de agosto de 1917, juntamente com mais três municípios (Mafra, Porto União e Cruzeiro, hoje Joaçaba), anteriormente pertencentes ao território do Paraná. (BELLANI, 1989, apud ALBA 2013 p.21).

As Companhias colonizadoras eram as empresas que recebiam concessões de terras do governo estadual e tinham como compromisso fazer a colonização da região, através do incentivo à população, principalmente do Rio Grande do Sul, para habitarem a região oeste de Santa Catarina. Segundo Alba, (2013, p.23):

Os meios de transportes eram lentos e as estradas precárias, o comércio e o acesso aos hospitais eram igualmente precários. Sendo assim, a colonização do município e terras até o ano de 1940 esteve por conta das empresas colonizadas, que a partir de 1920, começaram a ocupação do oeste de Santa Catarina, trazendo as famílias migrantes do Rio Grande do Sul, estes sendo da maioria descendentes de italianos e alemães. Esta colonização então, se estruturou de pequenas comunidades. (ALBA, 2013, p.23).

Até os anos de 1940, Chapecó tinha como destaque na economia a madeira de lei como pinho, cedro e também a erva mate. Segundo Alba (2013):

Até então nesta década, se destaca a produção de banha suína, observa-se que de certa forma, a industrialização de produtos de origem suína faz parte do início da colonização e que foi trazido dos imigrantes gaúchos. A parte urbana de Chapecó era apenas uma pequena vila. A partir da década de 1950, as coisas começam a mudar no oeste de Santa Catarina, dois pontos principais foram sentidos a partir desta década, na população e também economia começava a ser desenvolvida não apenas pela indústria de madeiras mesmo ela sendo a mais representativa, mas começaram a surgir naquele momento também outros ramos de produção, como em 1952 a Indústria e Comércio Chapecó (SAIC). Isto determina o estopim para o início de uma predominante economia até os anos de hoje da agroindústria brasileira e mundial. (ALBA, (2013, p.30).

Com o passar do tempo, com o crescimento da colonização, também estabeleceu o aumento de migrantes na nossa região em estudo, as localidades vão se estabelecendo, como cita Risso (2018, p. 65-66):

“Como já era de costume destes sujeitos, aos poucos eles vão transformando o ambiente conforme convém necessário para a convivência em grupo e para satisfazer os seus desejos além da sobrevivência. [...] Outra prática de lazer que reunia as famílias e os amigos era os jogos de futebol, entre times de comunidades diferentes. Com uma organização dos próprios colonos, na região em estudo este divertimento era fortemente presente e exigia muita dedicação dos integrantes dos times ao comprometimento em participar das competições, e também das famílias que acompanhavam o jogador nesta forma de lazer.”¹¹

Como rememora Wolmyr José Risso em seu depoimento sobre as práticas de lazer na região:

Três coisas que se preocupam muito com as comunidades quando foram formadas [...] era a igreja, o cemitério e o campo, se não tivesse campo não era comunidade, tinha que ter o campo, aí alguém doava o terreno. [...] O primeiro campo foi feito a muque, arrancado as árvore, os toco, feito o campo e nunca me esqueço quando foi no ano setenta e dois a gente conseguiu uma rede da traz da trave, foi a maior alegria do mundo [...]¹²

3.2 O FUTEBOL CHEGA AO OESTE CATARINENSE

Decorrente da locação dos migrantes italianos e alemães em sua maioria do estado do Rio Grande do Sul, a cidade de Chapecó tem o seu primeiro time de futebol logo no início da colonização. Segundo Bellani (apud, GALLEGO, 2018, p.154) [...] a fundação do primeiro clube de futebol de Chapecó, o Club Passo Bormann Fott Ball, data de 1919. (dois anos depois da fundação do município) [...]. Com o crescimento a partir de então da cidade e região, promove também a formação de novos clubes.

Com o crescimento populacional de Chapecó e região após a década de 1940 até 1950, novos clubes surgem, alguns deles praticantes do esporte, em lugares como Nova Itaberaba, Coronel Freitas, Palmitos, São Carlos e também da Linha Bento, que

11 - Wolmyr José Risso, 60 anos. Depoimento, 13 de Fevereiro de 2018. Irati SC. Entrevistador (a): Claudia Valmorbida Risso.

12 - Wolmyr José Risso, 60 anos. Depoimento, 13 de Fevereiro de 2018. Irati SC. Entrevistador (a): Claudia Valmorbida Risso.

em 1992 foi desmembrado de Chapecó, se tornando o município de Cordilheira Alta, como podemos visualizar nas fotos abaixo:



Figura 3. Retrato de corpo inteiro de um time de jogadores de futebol do time Palmeiras de Palmitos - SC em 1941. Fonte: CEOM.



Figura 4. Time de futebol no campo da Linha Bento - Cordilheira Alta - SC, cujo técnico era Moacir Córdova, na década de 1950. Observem as lavouras e áreas de florestas remanescentes na proximidade do campo. Fonte: CEOM.

Os jogos nas comunidades nesta época eram verdadeiras competições, os times das mesmas se visitavam e competiam uns aos outros:

“os times deslocavam-se para outras comunidades para disputar a partida de futebol acompanhados de suas torcidas e famílias que também dedicavam e divertiam-se ao acompanhar o esporte [...] a plateia era constituída por jovens, homens e mulheres que faziam a torcida. Os times visitantes também traziam torcidas”. (ROSSI, 2018, p.77).

Como forma de entretenimento, as comunidades tinham também torcidas, da casa e visitante, como cita Silva (2018) “caminhão só de soalho e nois ia em cima, não sei como ninguém caia aquela época”.¹³

O futebol aos domingos era uma das únicas formas de deslocamento entre as comunidades. Como cita Catalan, (2017 p.523).

13 - Carlos Da Silva, 65 anos. Depoimento, 07 de fevereiro de 2018. Irati SC. Entrevistador (a): Claudia Valmorbida Risso.

A platéia era constituída por jovens, homens e mulheres que faziam a torcida. Os times visitantes também traziam torcida. Esses times estavam longe de terem uma profissionalização, mas traziam a identidade de suas comunidades. Os encontros entre os clubes propiciavam namoros e futuros casamento. O deslocamento podia ser a cavalo, carroça, a pé ou em caminhão. (CATALAN *at al*, 2017. p.523).

Isso pode ser visto, por exemplo, no depoimento de Rossi (2018):

As regiões são diferentes, mas a intenção de pertencer a essa conjuntura do esporte era frequente em todos os lugares. Cada localidade formava seu grupo e passava a compor uma das diversões na época de início de colonização da microrregião de Chapecó, envolvendo várias pessoas das comunidades, seus familiares e interessados nesta diversão. No relato de Risso (2018) “a gente fazia intercâmbio, jogava com o pessoal de Coronel Freitas, Jardinópolis, União do Oeste ou lá em Modelo, Serra Alta, depois eles vinham devolver.” (ROSSO, 2018, p.81).¹⁴



Figura 5. Retrato de time de futebol de Coronel Freitas-SC na segunda metade do século XX. Fonte: CEOM.

Sobre as organizações das comunidades nas partidas de futebol era notável várias misturas étnicas, o que não impedia de forma alguma a presença de pessoas distintas na prática deste lazer. Risso, (2018):

14 - Wolmyr José Risso, 60 anos. Depoimento, 13 de fevereiro de 2018. Irati SC. Entrevistador (a): Claudia Valmorbida Risso.

[...] os times eram compostos homens colonos ítalos, teutos e caboclos. [...] Como podemos observar, aqueles que constituíam a sociedade local possuíam uma especial organização, com diversas tarefas ligadas ao time de futebol: com o fardamento e sua identificação enquanto clube esportivo de uma determinada região. Bem como, a presença de juizes e treinadores para o comando do time e dos jogos. Ainda, o campo de futebol era essencial para a prática esportiva sendo, um espaço não muito estruturado para este fim, geralmente “num potreiro [...] não tinha máquina pra fazer, aproveitava o espaço que dava,” a bandeira e a bola presente no local enfatizava a prática do futebol pelas pessoas. (RISSO, 2018 p.81)¹⁵



Figura 6. Retrato de corpo inteiro de grupo de jogadores de futebol em Nova Itaberaba-SC na década de 1950. Fonte: CEOM.

O campo de futebol era um quesito que sempre era visto para a comunidade, sempre bem cuidado:

“a comunidade ou os locais de jogos poderiam ser rodeados de vegetação, sem muitas moradias entorno, mas o espaço para o campo de jogo do futebol era sempre reservado e bem cuidado. Os jogadores faziam questão de retratar o seu time bem uniformizado dentro do campo. O gosto pelo esporte era incentivado e presente na vida das crianças, geralmente filhos ou com algum parentesco próximo de quem já era jogador.” (ROSSI, 2018, p.81).

15 - Carlos Da Silva, 65 anos. Depoimento, 07 de Fevereiro de 2018. Irati SC. Entrevistador (a): Claudia ValmorbidaRisso.

Além das áreas do interior, a presença do futebol na parte central do município, como é o caso de Chapecó, fica evidente através de seções destinadas ao esporte na imprensa local, observemos como exemplo as páginas do jornal A Voz de Chapecó que destacam algumas páginas esportivas para os diversos torneios realizados na região, envolvendo esses diversos clubes locais, em partidas que poderia contar também com clubes próximos do Rio Grande do Sul, segundo o *Jornal A VOZ DE CHAPECÓ, de 17 de Julho de 1949.*

Tarde de gala para o Esporte Chapecoense – S.C Chapecó, 4 X Internacional F.B.C., de Cotegipe, R.G do Sul, 3 --- Independente F.B.C, 3 X S C, Caramurú, de São Valentim, R.G. do Sul, 1 --- Atlantico, de Xaxim, 1 x Tabajara, de Xanxere, 0. (o *Jornal A VOZ DE CHAPECÓ, de 17 de Julho de 1949*)

Com isso, podemos verificar que alguns times de futebol da região já participavam de alguns campeonatos, propriamente chamados de citadinos e também partidas com clubes do estado vizinho, observam-se, times como S.C Chapecó, Atlântico de Xaxim, e Tabajara de Xanxerê, competindo com times de Barão de Cotegipe e São Valentim, da região noroeste do estado do Rio Grande do Sul;

Destacando também a existência o Independente F.C. nos anos de 1949, o mesmo jornal que traz a citação acima, destaca a seguinte reportagem do Jornal A VOZ DE CHAPECÓ, de 1949.

Sagrou-se vencedor o Independente F.C. - Em movimentada partida realizada domingo, dia 30 de outubro último, o Independente F.C, desta cidade, saiu-se vencedor pelo escore de 4x1, frente ao valoroso S.C 12 de Outubro, da localidade de São Carlos... O chute inicial dessa peleja foi dado pelo Presidente de honra do Independente Dr. Serafim Enoss Bertaso, que naquele dia comemorava mais uma natalícia. A vitória dos >> invictos das redondezas<<. (Jornal A VOZ DE CHAPECÓ, de 1949.)

Desta reportagem, podemos destacar o fato de que a formação do Independente F.C. já vinha dos anos de 1949, (Independente Futebol Clube que foi um dos times que formou a Associação Chapecoense de Futebol. Também se destaca a participação da família Bertaso, colonizador do município, no esporte naquela época.

Nesta mesma edição do *Jornal*, tem o destaque que foi realizado uma partida, com participação do E.C. Chapecó x S.C Comercial de Joaçaba no dia 17 de Junho, segundo o Jornal *A VOZ DE CHAPECÓ, de 1949*:

“Realizou-se, domingo atrasados, dia 17, nesta cidade, onde o esporte chapecoense viveu uma tarde de gala, é que se defrontaram os esquadrões do E.C. Chapecó, desta cidade e o S.C Comercial da vizinha cidade de Joaçaba, resultando no término da partida um empate de 4 a 4.... Foi Juiz desta partida de o Sr. Françalassi, que fez uma arbitragem a contento, evidenciando profundo conhecimento do esporte rei... A noite foi oferecido aos componentes da missão do Comercial F.B um baile nos salões do Clube R. Chapecoense, que se prolongou até altas horas da madrugada, quando os esportistas visitantes, rumaram de volta para Joaçaba.” (A VOZ DE CHAPECÓ, 17 de junho de 1949).

Também no dia 24 de Junho, houve um encontro entre Independente x E.C Chapecó, citado no Jornal *A VOZ DE CHAPECÓ, de 1949*:

“2ª. partida da Taça Dr. José Pedro Mendes de Almeida – Independente,4 x Chapecó,3 – Como foi do conhecimento de todos os desportistas chapecoenses, realizou-se no mês de Junho passado, a primeira partida, numa série de três, em disputa da linda TAÇA oferecida pelo M. Juiz de Direito da Comarca, Dr. José Pedro Mandes de Almeida, partida esta que foi vencida pelo E.C. Chapecó pelo escore de 2 a0. E domingo último, dia 24, travou-se no campo da baixada, a seguida que erá esperada com grande ansiedade, pois os dois quadros vinham de atuações estupendas.” (A VOZ DE CHAPECÓ, 24 de junho de 1949).

Destaquemos destas reportagens do jornal de 1949, a participação de times da nossa cidade, disputando amistosos e campeonatos com times de outros municípios, como contra o S.C. Comercial de Joaçaba, já na segunda citação, é referente a uma partida de uma Taça, do Independente x Chapecó, no campo da baixada, este hoje localizado no bairro Santa Maria na região sudeste da cidade de Chapecó.¹⁶

No ano de 1950, por exemplo, teve uma disputa de taça << CENSO 1950 >>, disputada no Estádio da Baixada, entre o Independente F.C x S.C Chapecó.

16 - Campo da baixada, fornecida pelo Sr. Ilto Cordova.



Figura 7. Arquivo pessoal - Ilustração retirada do arquivo do CEOM em Chapecó.¹⁷



Figura 8. Defesa do goleiro no jogo do Independente F.C em 1951, segundo Ilto Cordova, era o campo dos Maristas. Notem a área desmatada com a floresta ao fundo. Fonte: Página do Facebook: Arley Serrano, de 02/11/2017.¹⁸

17 - Arquivo pessoal - fotografada do arquivo do CEOM em Chapecó do Jornal: A VOZ DE CHAPECÓ, 02 de julho de 1950;

18 - No início da colonização, os campos de futebol acabava ficando afastado dos centros urbanos, exemplo da figura 10, onde se observa uma área formada por floresta, como é possível ver pela área desmatada ao fundo.



Figura 9. Time do Independente Futebol Clube em Chapecó em meados de 1951; Fonte: CEOM.

Estes clubes, normalmente eram formados na cidade de Chapecó, pelas indústrias que foram se formando, Ilto Córdova, morador antigo de Chapecó e envolvido com o futebol há mais de 40 anos, rememora alguns desses clubes da cidade:

“Tinha Atlético Chapecó (Olaria Baldisseira, formava dos próprios donos e funcionários, tinha camisa listrada vermelha e branca – tinham como principal sede para o desporto futebolístico o campo do Bairro Santa Maria ou também conhecido por campo da Baixada), Independente F.C (Livraria Pasqualotto, tinha a camisa nas cores azul e branca – tinha como principal sede o campo do Marista, dos padres), e o Industrial (Madeira Lara, tinha a camisa na cor amarela – jogava no campo do bairro Santo Antônio), os três times disputavam entre elas, dentro de Chapecó”.¹⁹(CÓRDOVA, 2018).

A identificação era muito importante dentro de um clube de futebol, pois apesar de toda a diversão envolvida, existia também a rivalidade entre os times. Rossi (2018):

Então, o uniforme era essencial para distinguir e marcar a identidade dos grupos esportivos. [...] As imagens demonstra o conjunto que se constituía uma equipe: jogadores (de linha e de gol), treinador ou técnico, juizes, uniformes,

19 - Entrevista com Sr. Ilto Cordova.

bola e destaque também para as meias todas iguais, enfatizando ainda mais a pertença a um determinado time. (ROSSI, 2018 p.81).

A Cidade de Chapecó, com o passar dos anos e as agroindústrias se fortalecendo na cidade, começou a se desenvolver, não tinham campos de futebol no espaço urbano central da cidade, mas com o apoio das agroindústrias, prefeitura municipal e comércio foram fundamentais para a consolidação do esporte em Chapecó (CATALAN *at al*, 2017. p.525). Assim alguns times usavam alguns campos fora do perímetro urbano, como o Atlético Chapecó, que usava o campo do bairro Santa Maria, pois era próxima a Olaria, já o campo do bairro Santo Antônio era utilizado pelo time da Madeireira Lara. Assim, fora das partidas promovidas pelos clubes, a existência de diversos terrenos baldios o que se mantém até os dias de hoje, nas áreas mais periféricas, pôde abrigar campinhos de futebol, onde jovens e crianças praticavam o esporte, como rememora o Jornalista Rodrigo Goulart em sua infância, ainda na década de 80 e início de 90, “No bairro Santo Antonio, quando eu nasci tinha quatro, cinco casas, o que mais tinha era terreno baldio pra você fazer campinho né [...] então tinha mais essa cultura de jogar futebol, de fazer time, da gurizada se organizar.”²⁰

O município de Chapecó teve uma migração muito abrangente da década de 1970 a 1980, desta forma a cidade se torna urbana, assim sua paisagem começa a se modificar, segundo Cullen (apud ADAM, 2008, p.63), explica que a paisagem urbana é explicada em três pontos:

O primeiro é a ótica, que é a visão propriamente dita, e é formada por um entendimento seqüenciais dos espaços urbanos, primeiro se avista uma rua, em seguida se entra em um pátio, que sugere um novo ponto de vista de um monumento e assim por diante. A seguinte o segundo fator é o local que diz respeito às reações do sujeito com relação a sua posição no espaço, vulgarmente denominado sentido de localização, “estou aqui fora”, e posteriormente, “vou entrar em um novo espaço”, e finalmente, “estou cá, dentro”; esse aspecto refere-se às sensações provocadas pelos espaços; abertos, fechados, altos, baixos etc. O terceiro aspecto é o conteúdo, que se relaciona com a construção da cidade, cores, texturas, escalas, estilos que caracterizam edifícios e setores da malha urbana. (CULLEN, apud ADAM, 2008, p.63),

Desta forma, o centro do município desenvolvia com as implantações das agroindústrias no município. Já o futebol não era profissionalizado, assim na capital do Estado, a Federação Catarinense de Futebol, fez um acordo para dar oportunidade de times do oeste de Santa Catarina participarem do Estadual do estado, mas para isso foi desenvolvido uma tabela em dois grupos, os times do litoral disputavam um grupo e o oeste de Santa Catarina formava outro grupo. Como podemos observar no Jornal Folha d'Oeste Esportiva–1968:

A. C Chapecó na Divisão Especial: Noticiais procedentes da Capital do Estado, fornecidas pela federação Catarinense de Futebol, anunciam que houve profundas modificações no sistema de disputas do campeonato estadual de profissionais. Foi criado a divisão especial, congregando 22 clubes do Estado, sendo 14 do litoral e centro e 8 do oeste catarinense. Entre os representantes oestinos na divisão especial estão, Chapecó, o 14 de Julho de Xanxerê, Cruzeiro e Comercial de Joaçaba e outro de Caçador, Videira e Concórdia. (Jornal Folha d'Oeste Esportiva–1968).

Como o futebol era amador, as torcidas eram locais, criando um vínculo entre os clubes e os bairros, conforme o rememora Ilto Cordova:

“exemplo o Santa Maria, torciam mais era porque da Olaria, muitos trabalhavam lá e então apoiavam o time, o Independente era da elite porque do Pasqualotto era mais centralizado, e também tinha o Industrial, porque onde hoje é a Unimed, tinha dois barracões grandes, era a indústria de madeiras Lara, formava o Industrial, o time de operários. Tinha o torneio na cidade, e também nas cidades vizinhas, Seara, Concórdia, Xaxim, Xanxerê.”(CORDOVA, 2018).²¹

3.3 DO AMADOR AO PROFISSIONAL: A FUNDAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO CHAPECOENSE DE FUTEBOL

Como não tinha um time de expressão no oeste de Santa Catarina, atendendo um silencioso clamor dos chapecoenses que queriam um time de futebol profissionalizado, que representassem os mais legítimos anseios do município, e

porque não dizer do Oeste de Santa Catarina e ombreasse de igual para igual com os melhores do Estado.²²

Esse interesse está expresso, por exemplo, na própria página da Chapecoense:

“Com o propósito de reverter essa situação, alguns desportistas da cidade, jovens apaixonados pelo esporte, decidiram se reunir para criar um time de futebol profissional. Entre os presentes nos primeiros encontros, destacam-se Alvir Pelisser, Heitor Pasqualotto e Altair Zanella, representantes do Clube Independente, Lotário Immich e Vicente Delai, representantes do Clube Atlético de Chapecó. De maneira geral, pode-se dizer que a Associação Chapecoense, posteriormente um dos grandes do futebol catarinense, surgiu da união dos clubes Atlético Chapecó e Independente.”²³

A criação da associação representava a cidade o acesso as disputas de competições regionais e principalmente nas estaduais. Fato também corroborado por Ilto Córdova (2018), ao comentar o surgimento do clube:

“Formação da Chapecoense: Ela começou em 1973, mas em 1971, 1972 já estavam formalizando a Chapecoense, em 1973 o Sr. Lotário formou o estatuto, fundou-se a Chapecoense, fizeram uma reunião com os fundadores e colocaram em uma ata a formação da Chapecoense.”²⁴

Desenvolve-se a idéia do time no começo dos anos de 1970, as lideranças locais se agradaram da idéia. Desde o surgimento da Chapecoense sempre teve o apoio dos empresários da cidade e da região. Os times amadores da cidade foram sendo alguns incorporados na própria Associação Chapecoense de futebol e alguns foram se acabando. Como rememora Ilto Córdova (2018):

“Quando surgiu a Chapecoense, em 1973, os times amadores foram se terminando. [...] Dai um pouco do Atlético Chapecó, um pouco do Independente, uns que trabalhavam no Saic naquela época, formaram a Chapecoense, foram no Atlântico Gaúcho, buscar alguns jogadores também, pegava-se jogadores daqui, dali e mais os que tinham aqui, da cidade mesmo, e formaram a Associação Chapecoense de Futebol, que em 1973 ela iniciou até 1975 tinha um pouco de amadorismo, depois foram contratando jogadores, começaram a pagar por mês, dai começou profissionalizar.” (CORDOVA, 2018).

22 - Revista Anna Loide a revista dos empreendedores. 59ª. Junho de 2007

23 - Informação retirada do site da Chapecoense;

24 - Entrevista com Sr. Ilto Cordova.

Sendo assim, Gallego (2018) explica que há no espaço duas formas de representação do futebol:

O do futebol amador e o do futebol profissional. Entre um e outro, há uma infinidade de modulações dos elementos, que ao serem apropriados produzem uma diversidade de territorialidades, associadas mais ou menos intimamente a territórios futebolísticos, como estádios, campos e bares. (GALLEGO, 2018, p.129).

Houve assim o surgimento da Chapecoense na década de 70, analisemos com que os jogadores não eram profissionalizados no futebol até o surgimento da Chapecoense, como descreve a revista Anna Loide sobre Natalino Grandó (2007):

[...] era jogador de futebol rememora que jogou no Independente F.C. mas também participou do Atlético Chapecó, La permaneceu por algumas partidas, a maioria do jogadores naquela época jogavam entre os dois times, o Independente e o Atlético Chapecó, uma hora em um outra hora em outro. (REVISTA ANNA LOIDE, 2007p.12)²⁵.

Após o surgimento do clube, os treinos e jogos eram realizados no Estádio Índio Conda, este sendo fundado em 1976 e com um grupo fanático e apoiados por empresas e comércio local, que gostariam de ver um time representar o oeste de em âmbito estadual, como cita Gomercindo Putti(2011):

O surgimento do clube representava a união entre alguns jogadores e a comissão técnica remanescentes das duas equipes anteriores, o Independente e o Atlético Chapecó. Já no início a Chapecoense contava com jogadores profissionais remunerados, que treinavam no Estádio Índio Condá, que possuía arquibancadas de madeira, também eram usadas como alojamento improvisado de alguns atletas do clube. (REVISTA ANNA LOIDE, p.42)²⁶

25 - Revista Anna Loide, a revista dos empreendedores. N.º 196. 2017.

26 - Entrevista de Gomercindo Putti para a Revista Anna Loide, a revista dos empreendedores. N.110º - 2011.



Figura 10. Estádio Índio Condá em 1977.

A construção dos Estádios é um elemento importante da presença do futebol na paisagem, transformando símbolos, sentimentos, paixões. Da mesma forma que os estádios exercem seu papel simbólico na lembrança dos torcedores e sua visão que transparece os “santuários” (MASCARENHAS, 1999, p. 01). No Governo Wagner em 1975, o Estádio Índio Condá passou por melhorias para realização do JASC – Jogos Abertos de Santa Catarina, que apresentado na foto acima, fazia parte de um complexo com piscina oficial, campo principal e o ginásio de esportes, também podemos observar ao fundo o campo do Marista, que por muitas vezes foi utilizado pelos times amadores do município para treinamentos e jogos, e mais ao fundo a Catedral Santo Antônio, mais ao centro de Chapecó.

O desenvolvimento do esporte, a gente nota que um pouco mais tardiamente do que no Rio de Janeiro e São Paulo, o esporte em Santa Catarina começou a se profissionalizar na década de 40 e 50, tem um período de explosão clubística

importante, porque os clubes estão associados a muitas vezes questões econômicas ou migratórias e depois tem uma fase de profissionalização crescente embora fique estagnado nos anos 70 e 80 esta profissionalização, depois dos anos 90 tem um enorme movimento de profissionalização e de desenvolvimento, um exemplo bastante eloqüente é a Chapecoense, mostra como que a Chapecoense saiu da serie C para a serie A em três anos, fruto da nova roupagem do futebol globalizado com grande grau de profissionalização e de investimento da política e da economia local.²⁷

Destaca-se que a cidade se transforma, a sua paisagem muda, após a ascensão ²⁸ do time para a Série A em 2014, a região oeste abraçou a Associação Chapecoense de Futebol. O Espaço de representação do futebol de Chapecó ganhou importância na vida da cidade, como explica Gallego (2018):

“de forma a se relacionar e influenciar o cotidiano das pessoas (instância prática espacial) e as instituições públicas e privadas (instância representações do espaço), recebendo influência destas instâncias também. Tais complexas interações envolvem diferentes dimensões, entre elas a econômica, a política, a social, a esportiva, a cultural, entre outras.” (GALLEGO, 2018, p. 369)

27 - Entrevista sobre o livro “O Futebol em Santa Catarina” – 16/06/2015 – Link: <<https://www.youtube.com/watch?v=9j4T7z2MR-E>>

28 - A ascensão da Chapecoense provocou mudanças físicas e simbólicas na cidade de Chapecó. Algumas das mudanças mais significativas e sensíveis se deram no estádio e no seu entorno. Fisicamente, o Estádio Regional Índio Condá sofreu uma grande reforma (modernização e aumento de capacidade) e passou a se chamar Arena Condá (inaugurada em 2009 e ampliada significativamente para a Série A de 2014). No entanto, houve importantes mudanças de apropriação simbólica do estádio e mudanças nas formas de torcer. (GALLEGO 2018, p. 376).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O futebol no Brasil é o esporte mais popular no seu território, que pode ser visualizada a sua paisagem com decorrente sintonia com o futebol, como formas de demonstrar, em objetos fixos como, estádios, pinturas em murros, campos nos bairros e também objetos móveis, como as camisas das agremiações, bandeiras em monumentos, casas e apartamentos, agrupamento antes de jogos ao redor dos estádios e bares, sendo no funcionalismo público e privado, demonstrando que a paixão busca o amor pelo time em suas visualizações urbanas.

A Geografia do futebol, é destacada por alguns autores como sendo uma ramificação da geografia cultural, adentra a estes limites, paisagens. Sendo assim mostra também que o futebol perpassa não somente como algo de lazer, mas em alguns pontos demonstra a construção identitária e cultural dos brasileiros.

A realização dessa pesquisa teve este objetivo, demonstrar as transformações na paisagem e também de identidade pela prática do futebol produziu no Oeste catarinense. Que teve seu surgimento na Inglaterra, este sendo inicialmente restrito a alguns segmentos elitistas da sociedade, que somente em meados de 1870, surge os primeiros times de operários. Vindo ao Brasil introduzindo por Charles Miller em 1985. Como o futebol adentrou os limites territoriais de Santa Catarina e do Oeste do estado, com as migrações do estado vizinho Rio Grande do Sul, e a importância naquela época do campo de futebol nas comunidades que se formavam com o trabalho das comunidades colonizadoras.

A pesquisa abre um leque para novos questionamentos e novos trabalhos futuros, sobre a importância de se estudar o esporte e em especial o futebol na geografia a exemplo de outros estudos locais já realizados, destacando assim as mudanças simbólicas e visuais, na região oeste de Santa Catarina após o surgimento da Associação Chapecoense de Futebol, e o que ela representa para o município.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ADAM, Roberto Sabatella. **Analisando o Conceito de Paisagem Urbana de Gordon Cullen**. 61-68. Curitiba, v. 5, n. 1, 2008.

ALBA, Rosa Salete. **Espaço Urbano, os agentes da produção em Chapecó**. 2013. 1-201. ed. Argos. 2ª edição.

ARANTES Cláudio Caetano. **Estudos sobre “Futebol de Várzea” Breves reflexões a partir do caso de Campinas**. 1-50. Campinas - SP. 2003.

ANTUNES, Fátima Martin. **Futebol de Fábrica em São Paulo**. 1992. 1-190. Universidade de São Paulo (USP) - Dissertação de Mestrado em Sociologia - São Paulo, 1992.

AVAHY. Fundação do Avahy Foot-ball Club. Disponível em <<http://www.avai.com.br/novo/clube/historia/>>. Acessado em 27 abr. 2018.

BELLANI, Eli Maria. **O Futebol e a ocupação do espaço social em Chapecó (1919 – 1973)**. Chapecó: Argos, 2007.

CARBONERA, Mirian. **Chapecó 100 anos, histórias plurais**. Chapecó – SC: Argos, 2017.

CECCHIM, Cristiane. O “fenômeno” verde e brando: poder, mercado e subjetividade na ascensão da Chapecoense à elite do futebol brasileiro. In: VAZ, Alexandre Fernandes; DALLABRIDA, Norberto (Orgs.). **O futebol em Santa Catarina: histórias de clubes (1910 – 2014)**. Florianópolis: Insular, 2014, p. 77-116.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular, o uso de imagens como evidência histórica**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

GALLEGO CAMPOS, Fernando Rosseto. **Modificações nos espaços percebidos, concebido e vivido em Chapecó-SC, devido à Associação Chapecoense de Futebol no período de 2014-2016**; p.366-194, Geosul, Florianópolis, v. 33, n. 68. 2018.

FUJITA, Camila. **Dinâmica urbana e regional no oeste catarinense: uma análise do papel de Chapecó e outras cinco cidades influentes na rede urbana**. 2015. 71 – 96. Livro: Oeste de Santa Catarina, Território, Ambiente e Paisagem. (Org. BRANDT, Marlon; NASCIMENTO Ederson).

JÚNIOR, Álvaro Francisco de Britto; JÚNIOR, Nazir Feres; **A utilização da técnica da entrevista em trabalhos científicos**. 2011. p. 237-250 . Evidência, Araxá, vol. 7, nº 7. 2011.

MASCARENHAS, Gilmar. **São Paulo: a cidade e o futebol**. 2001. 1-7. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Brasil) – Bueno Aires, 2002;

_____. **A Mutante Dimensão Espacial do Futebol: Forma Simbólica e Identidade**. Espaço e Cultura. UERJ, RJ, nº. 19-20, p. 61-70. 2005.

_____. **A Geografia do Esportes, uma introdução**. 1999. 1-20. UERJ. Nº 35.

MÁXIMO, João. **Memórias do futebol brasileiro. 1-5. 1999. São Paulo**.

MAZZONI, Thomaz. **Futebol Pioneiro e Bandeirante**. 1968. In: Octávio FARIA (org.) O olho na bola. Rio de Janeiro: Livraria-editora Gol. 1968.

NASCIMENTO, Ederson (Ed.); VILLELA, Ana Laura V. (Ed.); MAIA, Cláudio M. (Ed.). **Território e sociedade, Novos estudos sobre Chapecó e região**. 2018, 1-389. Livro: Novas edições acadêmicas.

OLIVEIRA Josildete Pereira; ANJOS Francisco Antonio; LEITE Fabiana Calçada de Lamare; **O potencial da paisagem urbana como atratividade turística: um estudo sobre a paisagem de Brasília-DF**.159-169. Campo Grande, v. 9, n. 2. 2008.

ROSA, André Luiz . **O Football na Ilha e a fundação do Avahy Foot-Ball Clube: uma análise sobre o início do futebol em Florianópolis e a trajetória do Avaí na década de 1920**. 2012. 205p. Rio de Janeiro: Clube De Autores.

_____. **O cotidiano operário - A vida fora do trabalho: uma análise a respeito das manifestações dos trabalhadores na cidade de Itajaí (SC) fora de seus espaços profissionais, do início do século XX até 1930**. Revista Ágora (Vitória) , v. 006, p. 01-19, 2007.

_____. **Operários de bola: um estudo sobre a relação dos trabalhadores com o futebol na cidade de Itajaí (SC) entre as décadas de 1920 a 1950** - Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina (UFFS), Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2011.

RISSO, Cláudia. **Entre Trabalho e Lazer: As memórias dos Moradores de Irati, Jardinópolis, União do Oeste e Sul Brasil (1920-1980)**. 2018. 1 – 119. Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – Chapecó,SC. 2018;

LAPUENTE, Rafael Saraiva. **O jornal impresso como fonte de pesquisa: delineamentos metodológicos**. 2015. 1 – 12. Alcar 2015. UFRGS.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia; DRUMOND, Maurício; **A construção de histórias do futebol no Brasil (1922 a 2000): reflexões.** 2012. 1-13. Revista Tempo - Vol. 19 nº 34.

SEABRA, Odette C.L. **Meandros dos Rios nos Meandros do Poder. Tietê e Pinheiros: Valorização dos Rios e das Várzeas na Cidade de São Paulo.** 1987. Tese de Doutorado em Geografia Humana apresentada à FFLCH - USP, 1987.

SEVCENKO, Nicolau. **Futebol, Metrôpoles e Desatinos.** 1994. Universidade de São Paulo - Revista USP (Dossiê Futebol), São Paulo, edição nº .22.

_____. **O Orfeu Extático na Metrôpole:** São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.